



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JÔNATHA FILIPE RIBEIRO CRISPIM

**O ANTICOMUNISMO CATÓLICO NO BRASIL NO PRÉ-GOLPE DE 1964:
OS CASOS DA PARAÍBA E DO RIO GRANDE DO SUL**

ORIENTADORA
PROFA. DRA SUSEL OLIVEIRA DA ROSA

GUARABIRA – PB

2023

**O ANTICOMUNISMO CATÓLICO NO BRASIL NO PRÉ-GOLPE DE 1964:
OS CASOS DA PARAÍBA E DO RIO GRANDE DO SUL**

JÔNATHA FILIPE RIBEIRO CRISPIM

Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História em
cumprimento às exigências para a obtenção do título
de Licenciatura em História

ORIENTADORA
PROFA. DRA. SUSEL OLIVEIRA DA ROSA

GUARABIRA – PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C932a Crispim, Jonatha Filipe Ribeiro.
O Anticomunismo católico no Brasil no pré-golpe de 1964
[manuscrito] : os casos da Paraíba e do Rio Grande do Sul /
Jonatha Filipe Ribeiro Crispim. - 2023.
25 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2023.
*Orientação : Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa,
Coordenação do Curso de História - CH. "
1. Rio Grande do Sul. 2. Anticomunismo. 3. Igreja Católica.
4. Paraíba. I. Título

21. ed. CDD 981

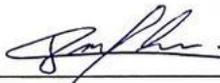
JÔNATHA FILIPE RIBEIRO CRISPIM

**O ANTICOMUNISMO CATÓLICO NO BRASIL NO PRÉ-GOLPE DE 1964:
OS CASOS DA PARAÍBA E DO RIO GRANDE DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à coordenação do curso de História na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.
Área de concentração: História e Estudos Culturais: Etnia, Crença, Gênero e Sensibilidade.

Aprovado em: 15/05/2023

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa (orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba/UEPB



Profa. Dra. Dayane Nascimento Sobreira
Universidade Estadual da Paraíba/UEPB



Prof. Dr. Luiz Mário Burity
Universidade Estadual da Paraíba/UEPB

**O ANTICOMUNISMO CATÓLICO NO BRASIL NO PRÉ-GOLPE DE 1964:
OS CASOS DA PARAÍBA E DO RIO GRANDE DO SUL**

Dedico esse trabalho a minha família, amigos e a toda igreja.

Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vem do alto,
descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança
nem sombra de variação.

Tiago 1:17

O ANTICOMUNISMO CATÓLICO NO BRASIL NO PRÉ-GOLPE DE 1964: OS CASOS DA PARAÍBA E DO RIO GRANDE DO SUL

RESUMO

Este trabalho acadêmico de conclusão de curso busca compreender como foi disseminado o anticomunismo católico no Brasil no pré-golpe de 1964, utilizando exemplo de dois estados da federação brasileira, a Paraíba e o Rio Grande do Sul, assim podemos perceber a forma em que foi trabalhada no imaginário dos fiéis e da população em geral o anticomunismo, que chegou ao ponto de influenciar na opinião pública e fazer com que movimentos de esquerdas fossem diretamente associados aos comunistas. Para compreender o golpe civil- militar que derrubou o governo institucional de João Goulart, é fundamental reconhecer que a Igreja Católica foi uma das principais instituições responsáveis pela propagação do discurso anticomunista no Brasil. Sendo o anticomunismo um fenômeno que segue em voga na sociedade atual, mobilizando debates e paixões políticas em uma nova direita radical no país, é preciso voltar ao passado para tentar entender o processo de construção desse imaginário.

Palavras chaves: anticomunismo, igreja católica, Paraíba, Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
O ANTICOMUNISMO DE MATRIZ CATÓLICA EM 1964	11
Um ataque interno a Igreja	12
O ANTICOMUNISMO CATÓLICO NO PRÉ-GOLPE DE 1964: O CASO DA PARAÍBA	16
Sobre os estudantes paraibanos	19
O ANTICOMUNISMO CATÓLICO OS CASOS DO RIO GRANDE DO SUL	20
O anticomunismo católico no processo eleitoral	22
Relatos de pessoas que viveram durante a disseminação do anticomunismo no pré-golpe no Rio Grande do Sul	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	24
REFERÊNCIAS:	27

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar o anticomunismo Católico no Brasil no período pré-golpe de 1964. O anticomunismo é caracterizado como um imaginário político que sustenta uma ideia de aversão e oposição ao comunismo, doutrina política. Segundo o dicionário de política de Norberto Bobbio (1998, p. 204), o comunismo¹ prevê a supressão da propriedade privada, a fim de que desapareça qualquer conflito entre o interesse privado e o Estado, e a supressão da família, a fim de que os afetos não diminuam a devoção para o bem público. Já para Karl Marx (1818-1883),² O comunismo tem como fundamento essencial a organização industrial do mundo moderno.

De acordo com Rodrigo Patto Sá Motta (2000), na história política brasileira, o anticomunismo foi um dos principais fenômenos catalisadores do golpe de 1964, mobilizando civis e militares a lutarem contra a esquerda e os grupos políticos alinhados ao governo de João Goulart, o Jango³. Jango assumiu a presidência da república quando o então presidente Jânio Quadros renunciou seu mandato em agosto de 1961. Sua renúncia gerou uma grande insatisfação com os grupos de direita anticomunistas que, rapidamente, planejaram várias formas de impedir que Jango assumisse o governo, formulando várias ameaças, até mesmo uma guerra civil.

O governo de Jango foi ameaçado desde seu início por aqueles que pensavam diferente do seu modo, a política que Jango pensava, abraçava a classe trabalhadora e ameaçava os ideais dos conservadores de direita. Segundo Motta (2000, p. 290), a imagem de Jango entre os grupos anticomunistas nunca foi boa, sobretudo pela sua relação próxima com as lideranças do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e movimentos sindicais, o que trazia muito temor aos conservadores. Os seus ideais de defesa da classe trabalhadora, de buscar formas de garantir melhores salários e outros direitos básicos aos cidadãos, tudo isso foi visto como ideais de esquerda. Estes foram rapidamente associados como ideais comunistas, o que fez os conservadores associarem a imagem de Jango aos comunistas.

Setores anticomunistas da sociedade, ligados aos conservadores entendiam que precisavam impedi-lo de assumir a presidência da república, intensificando assim seus

¹ BOBBIO, Norberto. Dicionário de política p.204

² BOBBIO, Norberto. Dicionário de política p. 208

³ Motta (2000, p. 35), o anticomunismo brasileiro tem três matrizes a liberal, a nacionalista e a católica.

esforços para firmar entre a população a imagem de Jango comunista. Segundo Motta, (2021), um dos primeiros atos dos grupos de direita contra o governo Jango foi articular uma forma de diminuir o poder do presidente da república, por acreditarem na ameaça do governo Jango contra a democracia. A forma que estes anticomunistas encontraram foi transformar o Brasil no estado parlamentarista, renegando assim o presidencialismo, este ato deu ao congresso nacional poderes superiores ao do presidente, sendo capaz de até barrar os atos presidenciais, Motta aponta:

Assim, Goulart assumiu a presidência no início de setembro de 1961, mas após concordar com uma emenda constitucional que criou o parlamentarismo, uma forma de diminuir o poder presidencial e reduzir o medo de seus adversários. (MOTTA, 2021, p. 24)

Logo ao assumir a presidência, a política externa nacional do Governo Jango foi alvo de críticas por parte dos conservadores anticomunistas, que viam como uma aproximação político-ideológica com países não alinhados aos Estados Unidos. No entanto, essa relação apenas mostrava a independência política que o Brasil tinha à época. De acordo com Motta (2021, p.38), os anticomunistas brasileiros fizeram com que boa parte da população imaginasse que Jango estaria pronto a transformar o Brasil em um país dominado pelos soviéticos. Essa ideia fantasiosa gerou uma forte resistência ao projeto político do governo, além de influenciar a opinião pública e servir de respaldo para o golpe civil-militar de 1964.

O anticomunismo católico que iremos destacar nesse artigo foi o maior propagador desse imaginário anticomunista no Brasil, mobilizando a nação contra aqueles que eram imaginados como comunistas. Além disso, essa matriz católica teve uma grande associação com os golpistas. Demonizando o comunismo, os anticomunistas sempre buscaram barrar a crescente onda de manifestações e protestos político-sociais.

Na contramão da postura oficial da Igreja - mas fazendo parte dela -, precisamos registrar a importância histórica de Movimentos e organizações políticas e sociais de esquerda que também estavam ligados ao catolicismo e identificados com o ideário de transformação social (tendo ou não inspiração comunista), tais como a Ação Popular (AP), as Ligas Camponesas, a Juventude Estudantil Católica (JEC). Sendo o anticomunismo um fenômeno que ainda está em vigor na sociedade atual, mobilizando debates e paixões políticas em uma nova direita radical no país, faz-se necessário voltar ao passado para compreender o processo de construção desse imaginário (Motta, 2021). Nesse sentido, nosso recorte temporal se dá

nos anos de 1962-1964, período em que João Goulart assumiu a presidência, sendo considerado um aliado das esquerdas.

Assim, o objetivo deste artigo é analisar a forma como o anticomunismo foi disseminado pela Igreja Católica nos Estados da Paraíba e do Rio Grande do Sul, percebendo como cada uma dessas localidades mobilizou a sociedade, assim como as aproximações e diferenças entre elas. Para tanto, selecionamos três fatores que serão analisados ao longo do texto: a compreensão da matriz católica do anticomunismo brasileiro, o entendimento geral da matriz Católica no contexto do golpe de 1964 e a forma como o imaginário anticomunista se disseminou nos Estados da Paraíba e Rio Grande do Sul.

A revisão bibliográfica utilizada para sustentar essa análise foi composta por duas obras: a monografia de Dmitri da Silva Bichara Sobreira (2013), com o tema “O Anticomunismo no “A Imprensa:” Igreja Católica E Golpe Civil Militar Na Paraíba (1962-1964)”; a dissertação de Carla Simone Rodeghero (2003), “O Diabo É Vermelho: Imaginário Anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande Do Sul (1945 – 1964)”.

Esta decisão de escolher o anticomunismo de matriz católica como tema de meu trabalho de conclusão de curso foi motivada pela minha crescente curiosidade por este assunto, que foi despertada nas primeiras aulas de Tópicos Especiais em História. Durante as aulas, o professor Dmitri da Silva Bichara Sobreira me instigou a entender como os anticomunistas criaram um imaginário na população de aversão ao comunismo, destacando a matriz católica entre os anticomunistas. Além disso, tenho grande admiração pela Igreja Católica, que se mantém como uma das maiores organizações do mundo há milênios. Por estas razões, acredito que o anticomunismo de matriz católica é um assunto digno de ser estudado e discutido. Assim, espero que este trabalho possa contribuir para o entendimento deste importante tema.

Como o ideário de esquerda - com inspiração comunista - em grupos católicos marcou também setores importantes e definidores de movimentos políticos e sociais na Paraíba, preciso destacar que não ignoro, por exemplo, o papel da “Teologia da Libertação” junto aos movimentos de contestação e luta pela terra no Estado.

Para entender esse papel, indico trabalhos como o do professor Marco Antonio Mitidiero Junior, em “Igreja, campesinato e luta pela terra no Brasil” em que aborda o papel

da Igreja Católica na questão agrária brasileira, com destaque para a Teologia da Libertação e a Comissão Pastoral da Terra (CPT) como organização que incentiva a luta pela reforma agrária e justiça social no campo. A análise se concentrou em particular na atuação da CPT no Estado da Paraíba, onde ela se aproximou ainda mais dos camponeses e dos conflitos gerados pelas demandas de terra, criando um movimento social. O objetivo de sua pesquisa foi entender a ação territorial da Igreja na luta pela terra. também o artigo "A influência da igreja na organização social dos camponeses de Alagamar/PB", de Marleide Quintino Barbosa, a Igreja Católica desempenhou um papel fundamental na luta dos camponeses pela posse da terra na região do Agreste paraibano, mostrando o exemplo no município de Salgado de São Félix.

Por meio de uma pesquisa realizada com três agricultores que vivenciaram os conflitos pela posse de terra na região de Grande Alagamar, foi possível analisar a relevância histórico-sociocultural da Igreja na luta pela terra no assentamento paraibano. Os três agricultores ainda atuam ativamente nos respectivos movimentos sociais, tornando-se agentes multiplicadores dos ensinamentos de Dom José Maria Pires,⁴ que contribuiu para que a história do povo envolvido no conflito agrário alcançasse repercussão nacional e internacional.

O ANTICOMUNISMO DE MATRIZ CATÓLICA EM 1964

Apontar os caminhos que foram trilhados pelos comunistas para fazer com que a igreja se posicionasse em contra sua ideologia, é relevante para compreender os acontecimentos que levaram o catolicismo a ser um dos principais agentes anticomunistas. Rodrigo Patto Sá Motta (2000, p. 39) indica que um dos acontecimentos que levaram a esse posicionamento anticomunista foi a revolução dos bolcheviques na Rússia em 1917 que criou as piores expectativas da igreja em relação aos revolucionários, essa construção veio devido as políticas e formas que foram adotadas pelo governo soviético aos cristãos durante a revolução. Os bolcheviques perseguiram instituições religiosas, igrejas ortodoxas e católicas romana, confiscando muitos bens da igreja, como utensílios sagrados, terrenos, instituições de caridade. Além de suprimir a religião cristã de todas as formas, os revolucionários

⁴ Dom José Maria Pires, foi o quarto arcebispo da Paraíba no período 1965 — 1995.

encorajaram a disseminação do ateísmo, o que para a igreja é uma afronta contra o próprio Deus católico.

Mas o ápice do anticomunismo católico se deu na década de 1930, no contexto da Guerra Civil Espanhola. Neste momento a Igreja sentiu-se mais ameaçada que nunca, pois o alvo das perseguições anticlericais desta vez era uma nação católica e não a Rússia ortodoxa. O assassinato de padres e freiras e a profanação de igrejas e objetos sagrados, ocorridos no decorrer da luta entre republicanos e *franquistas*, provocaram uma reação violenta dos católicos contra o comunismo. (MOTTA, 2000, p.39)

Motta (2000, p 39) diz que o episódio da guerra civil espanhola, gerou ainda mais a inflamação católica contra o comunismo, pois a Espanha se tratava de um país cristão e não de uma nação ortodoxa, após esse evento a igreja não trataria o comunismo apenas como um pensamento, mas o anticomunismo se tornou uma doutrina da igreja, uma regra de fé, que por sua vez deveria ser seguida por todos os fiéis batizados e crismados na igreja.

O comunismo não se restringia a um programa de revolução social e econômica. Ele se constituía numa filosofia, num sistema de crenças que concorria com a religião em termos de fortalecer uma explicação para o mundo e uma escala de valores, ou seja, uma moral. A filosofia comunista opunha-se aos postulados básicos do catolicismo: negava a existência de Deus e professava o materialismo ateu; propunha a luta de classes violenta em oposição ao amor e à caridade cristãs; pretendia substituir a moral cristã e destruir a instituição da família; defendia a igualdade absoluta contra as noções de hierarquia e ordem, embasadas em Deus. No limite, o sucesso da pregação comunista levaria ao desaparecimento da Igreja, que seria um dos objetivos dos líderes revolucionários. (MOTTA 2002; 20)

O comunismo foi visto pela igreja como uma ameaça, que realmente poderia colocar muitos dos seus fiéis sobre pensamentos e ações que rejeitam a fé apostólica, e que por sua vez poderia colocar em questão a própria existência da igreja. O anticomunismo se tornou o foco da igreja, a fim que as ideias comunistas fossem destacadas por todos os cristãos, a igreja por sua vez intensificou seus esforços a fim de disseminar o imaginário anticomunismo no mundo.

Segundo Motta (2021, p 23) no Brasil entre 1961 a 1964 durante o Governo Jango, aconteceu um grande surto de anticomunistas liderado principalmente pela Igreja Católica, a igreja entendia que os valores cristãos deveriam ser preservados, e ela seria a responsável por manter esses valores inalterados, a igreja brasileira se posiciona diante destas ameaças ideológicas socialistas que estavam acontecendo na nação, pois entendiam que o presidente

Jango era um comunista e que a cada momento as políticas e organizações de esquerdas estavam crescendo no território nacional, organizações como o Ação Popular (AP), a restauração do Partido Comunista Brasileiro (PCB), das Ligas Camponesas e da Política Operária (POLOP), além dos movimentos de educação popular, como a Campanha de Educação Popular (CEPLAR) e o Movimento de Cultura Popular (MPC), que tinham características mais regionais, as organizações estudantis como a JUC, a Juventude Estudantil Católica (JEC) e a União Nacional dos Estudantes (UNE). Para os conservadores do Brasil e os anticomunistas católicos, essas organizações de esquerda seriam comunistas, e estavam crescendo devido a influência dos infiltrados soviéticos no território nacional.

Por entender que o governo Jango tinha aderido ao alinhamento de ideias comunistas, e estava contribuindo para que os movimentos de esquerda crescessem, a classe conservadora junto a igreja inflamaram suas ideias anticomunistas por toda nação, pois entendiam que estava sendo colocada em risco a propriedade privada e a fé Católica.

Um ataque interno a Igreja

Motta (2000, p.43) destaca que a igreja brasileira percebeu um ataque na sua cúpula, pois muitos dos clérigos e grupo de jovens católicos estavam aderindo às ideias socialistas, a infiltração eles entendiam ser um ofensiva de Moscou diante dos seus atos anticomunistas no mundo para estes o ataque no coração da igreja era uma infiltração Soviética, que tinha em vista dividir os fiéis e o clérigo deixando a igreja enfraquecida.

A denúncia desta suposta infiltração comunista no seio da fortaleza católica foi muito recorrente nos anos 60, 70 e 80, o que de certo facilitava o trabalho repressor do Estado, já que se trataria de comunistas travestidos e não verdadeiros militantes católicos. (MOTTA, 2000, p.43)

A denúncia de infiltração no seio da igreja era constante no Brasil, na crescente onda de esquerda alguns notáveis estudantes brasileiros estavam se alinhando com as ideias do presidente Goulart, aderindo às reformas sociais propostas por ele, um desses grupos ligados às reformas foi a Juventude Universidade Católica (JUC), grupo que a igreja entendeu, não se tratar de católicos e sim de uma infiltração dos comunistas na igreja do Brasil.

As cartas pastorais da igreja eram lidas pelo episcopado nacional, para traduzir àquilo que é passado pelo papa de Roma a igreja, essas cartas [...] *Serviam como baliza para o clero em suas atividades religiosas, fornecendo orientação doutrinária e inspiração para o trabalho pastoral.* (MOTTA, 2000, p.44) essa foi uma das principais formas que a igreja encontrou de advertir o povo cristão da então ameaça de infiltração comunista no seio da

igreja, e também prevenir o povo a não aceitar ideias socialistas em seus lares proposta principalmente pelo governo Jango, a população precisavam rejeitar veementemente as ideias revolucionárias, MOTTA cita O Diário:

Sellemos com ardor a decisão final deste Congresso! A hora que vivemos não comporta attitudes encapotadas. Entre a bandeira vermelha que está organizando por toda parte o exercito dos sem-Deus, contra-Deus, contra a Família e contra a Patria, contra todas as reservas moraes da humanidade; entre a bandeira vermelha que enrubece a terra de sangue (...); entre o novo Barrabás, que destroe e mata, e o nosso Christo que perdoa e salva, o Brasil tem que escolher! (MOTTA, 2000, p. 45 Apud O Diário, 7/09/36, p.3)

Motta expõem a citação do cardeal Leme, pronunciado aos católicos no II Congresso Eucarístico, realizado em Belo Horizonte, com a temática anticomunista, esse congresso e seu tema serviu para mostrar o nível do que estava sendo trabalhado no imaginário dos fieis pela a igreja, neste congresso foram feitas sérias exortações de que povo tinha que escolher a Cristo ou Barrabás, motivando assim as pessoas a se posicionarem contra os comunistas que seriam uma figura de Barrabás, que mata e destrói a fé. No imaginário era apontado que a posição dos fiéis era importante para evitar que a bandeira vermelha, interpretada como morte e destruição, se tornasse uma realidade na nação do Brasil.

Vejamos outro ponto importante e também de destaque para Motta, é sobre as ações da igreja, pois de acordo com a sua liderança não poderia apenas se restringir às missas e os espaços internos da igreja, mas que precisava ser influenciar em outros âmbitos, ele diz:

O compromisso dos religiosos para com o anticomunismo não se restringiu ao espaço interno da igreja, ou seja, às possibilidades de doutrinação oferecidas pelas missas. Nos momentos críticos os líderes religiosos usaram seu prestígio e força política para atingir a população através de outros meios, ocupando espaços sociais externos à igreja. (MOTTA, 2000, p. 45)

A igreja se organiza em atos públicos contra o governo de Jango muitas vezes, usando sempre os mesmos argumentos, a luta contra os ideais comunistas, a sua possível infiltração em vários setores da sociedade e que Jango estava próximo a dar um golpe.

Um dos momentos segundo Motta de maior importância da organização católica contra o governo Goulart, e para muitos o estopim dos anticomunistas no pré-golpe de 1964, momento que inflamou ainda mais o povo do Brasil, foi a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, foi um ato de significativa importância contra as reformas de esquerda propostas por João Goulart.

A “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” foi idealizada pela igreja católica com o apoio de vários setores da sociedade, foi uma campanha no início de 1964 para conscientizar a população sobre as políticas que o governo de Jango propunha para o Brasil.

As Marchas segundo seus idealizadores, foram uma resposta ao comício realizado em São Paulo especificamente na Central do Brasil, no dia 13 de março de 1964, durante o qual o presidente João Goulart anunciou seu plano de reformas fundamentais, o que os conservadores, grupos de direita entenderam ser uma entrega do Brasil aos soviéticos.

O Anticomunismo Católico inflamou o cenário nacional, incentivando parte do Congresso Nacional e o Exército a tomar uma posição contrária à suposta tomada de poder planejada por Jango. De acordo com os anticomunistas, Jango tinha um plano de golpe contra o Estado brasileiro por estar alinhado com ideias de esquerda. Assim, as tropas do General Olympio Mourão Filho marcharam para por fim ao governo de Jango, devido à inflamada propaganda anticomunista católica disseminada por todo o território nacional. Diante disso, o então Presidente Jango tomou uma atitude que, para muitos, foi de entrega do Brasil, mas que, na verdade, foi para evitar uma guerra civil. Jango foi pacificamente para suas terras no Rio Grande do Sul, a fim de evitar um conflito armado que resultaria em milhares de mortes em todo o território nacional. (Sobreira,2013, p.19)

O Imaginário Anticomunista Católico foi um dos principais fatores que contribuíram para o golpe de 1964 no Brasil. A Igreja Católica, preocupada com o comunismo como uma ameaça aos seus valores e crenças cristãs, passou a usar seu poder político e seu influente discurso para desenvolver um imaginário anticomunista que se tornou uma das principais argumentações para o golpe. Esta narrativa associava o comunismo ao ateísmo, à violência, ao caos e à anarquia, e foi usada para instilar medo e desconfiança nas pessoas, justificando a necessidade de um golpe para derrubar o governo de João Goulart e instaurar uma ditadura civil militar.

Assim, a Igreja Católica foi fundamental para a instauração da ditadura civil militar no Brasil. Esta análise histórica mostra a importância do imaginário anticomunista católico para o golpe de 1964, bem como a sua presença até hoje.

O ANTICOMUNISMO CATÓLICO NO PRÉ-GOLPE DE 1964: O CASO DA PARAÍBA

No trabalho de Dmitri da Silva Bichara Sobreira, o foco é o anticomunismo na Paraíba no pré-golpe de 1964. A pesquisa se baseia no jornal Católico “A Imprensa”, que circulava na região nos anos de 1960. Sobreira (2013) afirma que o movimento de influência católica foi fundamental para a criação de uma opinião pública favorável aos ideais repressores às ideias comunistas. O medo ao comunismo foi disseminado por toda a Paraíba, com o jornal A Imprensa como um dos principais meios de divulgação deste imaginário. Isso fez com que a população se organizasse para lutar contra as ideias comunistas, no pré-golpe de 1964.

Segundo Sobreira (2013, p.28) na Paraíba, o período que antecedeu ao golpe civil-militar de 1964 foi marcado por um crescente movimento de esquerda. Isso se deu em função da adesão de diversos órgãos estaduais às ideias de esquerda. No entanto, essa onda foi alvo de críticas por parte dos anticomunistas católicos, que acreditavam que os setores da Paraíba que estavam aderindo às ideias de esquerda eram filtrados por comunistas. Assim, os anticomunistas acreditavam que os comunistas e o então presidente João Goulart estariam preparando um golpe de Estado no Brasil.

Para a melhor compreensão dos fatos voltemos um pouco no tempo para entender como se deu esse imaginário na Paraíba no período pré-golpe de 1964, vejamos o então Governador do Estado da Paraíba em 1960 era Pedro Gondim, que era vice de Flávio Ribeiro Coutinho que foi afastado do cargo por motivos de saúde, Gondim assumiu o governo do Estado e se posicionou favorável às ideias de uma nova diretriz de administração pública voltada aos interesses do povo, logo ele se tornou a preferência dos paraibanos nas eleições de 1960.

Nos primeiros anos de seu governo, (1958-1960), mesmo sendo apenas interino pelo afastamento de Ribeiro Coutinho, Gondim estava sempre engajado em discussões e negociações com a classe trabalhadora. Gondim foi um administrador público que neste período mais trabalhou para organizar a classe trabalhadora, esteve na luta em negociação em favor da classe operária da Paraíba, buscando sempre formas de trazer organização e melhorias para o setor.

Várias organizações sindicais foram surgindo: a Federação dos Trabalhadores da Indústria Paraibana; o Sindicato dos Bancários (mais articulada organização sindical da Paraíba); a Comissão Intersindical (COSINTRA); criação de um núcleo do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) no Estado; a criação de novos sindicatos como a Associação Profissional dos Trabalhadores da Construção Civil e do Imobiliário em

Souza, além da Associação Profissional dos trabalhadores na Indústria de Óleo Vegetal em Patos. (SOBREIRA, 2013, p.23)

Durante o governo de Gondim várias organizações trabalhistas, e sindicatos estavam surgindo na Paraíba e prosperando, ele estava organizando a classe trabalhadora, como citadas por Sobreira (2013, p.23) as organizações estavam se organizando e crescendo na Paraíba como Vanguarda Estudantil da Paraíba (UEEP), que sempre esteve favorável às manifestações trabalhistas. Vários setores da sociedade estavam sendo favoráveis à forma em que o Governador Gondim estava atuando em favor do povo.

Segundo Sobreira (2013, p.24) os proprietários rurais não estavam se agradando com o posicionamento do governo, os ruralistas ficaram insatisfeitos com as políticas tomadas pelo governador, e reprovaram a forma que o governo está conduzindo e organizando a classe trabalhadora. A luta de Gondim era garantir direitos aos trabalhadores e melhores salários, para os ruralistas fazer isso era um erro do governo, pois eles visavam seus lucros e não a melhoria para os trabalhadores, com essa ideia do Governo os ruralista acreditavam que seus lucros estavam sendo comprometido, o desagrado destes proprietários rurais era crescente. Os argumentos destes ruralistas era um possível rompimento com a ordem política econômica vigente dentro do Estado da Paraíba, logo buscaram associar cada pessoa que se posicionasse em favor deste pensamento de organização trabalhista de comunista.

Durante o governo de Pedro Gondim, o anticomunismo Católico se tornou uma ferramenta importante para o combate às Ligas Camponesas. O anticomunismo foi utilizado como mecanismo de desconstrução da luta dos camponeses, que buscavam igualdade e justiça nas relações de trabalho no campo. O periódico “A Imprensa”, foi um dos principais veículos de difusão desse discurso. O jornal acusava os camponeses de serem exploradores, enquanto os latifundiários eram vistos como vítimas da luta agrária. O governo de Gondim buscou desconstruir a interpretação do leitor, de modo a manter a estrutura agrária excludente em que vivia a Paraíba. Por meio do discurso anticomunista católico, o governo conseguiu deslegitimar as lutas dos camponeses e, assim, contribuir para o pré-golpe militar de 1964. (Sobreira, 2013).

Os grupos anticomunistas ligados a Igreja Católica organizaram diversos movimentos para reprimir as ideias de esquerdas ligadas ao comunismo, e os meios de ampliar essa divulgação foi através do A Imprensa, vários líderes católicos e a classe conservadora da extrema direita percebeu que estes crescimento da esquerda até mesmo por partir do governador Gondim era devido a infiltração soviética no estado paraibano, logo a propaganda

anticomunista precisava ser vinculada por todo estado para conscientizar a população dos riscos, e criar uma represaria da população a qualquer organização de ideias de esquerda.

A igreja católica e seus líderes foi um dos principais veículos utilizado na propaganda anticomunista na Paraíba através todos os meios de divulgação que estavam sobre o poder dos católicos, estes começam a se posicionar com a forte máquina de propaganda anticomunista, na disseminação desse imaginário, o jornal “A Imprensa” ampliou a ideia entre seus leitores da suposta infiltração soviética nos órgãos do Estado, foi denunciada filtração nos municípios, estatais na educação e nos partidos paraibanos e até mesmo no seio da igreja. Tudo para manipular a opinião pública contra as reformas propostas pelo Governo.

Sobreira (2013, p. 29) fala do documento lido pelo Padre M. Batista de Medeiros em agosto de 1963 e divulgado pelo jornal a imprensa, alertando a comunidade católica da posição da igreja contra os partidos comunistas e socialista, mostrando a posição de desfavor e que todos os cristãos deveriam ter com os partidos comunista, os cristãos católicos eram alertados a não votar nem se associar a estes, pois diante da ameaça comunista todos que de alguma forma apoiassem estariam sendo favorável e coniventes com os ideais que iria contra a igreja, era apontado no discurso as atrocidades já feitas por comunistas em outros países do globo. Sobreira citando “A Imprensa”:

Os que pertencem a Cristo, não lutam contra si mesmos. (...) Sentem com a Igreja. Agem com a Igreja. Só conhecem e praticam uma doutrina única: a dos Evangelhos, segundo os ensinamentos da Igreja. Catolicismos misturados com comunismo, é apenas um disfarce da tática nova, de propagar um erro marxista de uma forma indireta, através dos que dizem pertencer... (SOBREIRA apud TELLES, A Imprensa, 14 de novembro de 1962, p. 6)

Na Paraíba também foi alertando a população católica nas páginas do Jornal a Imprensa a não darem ouvidos aos padres que estivessem disseminando entre os fiéis ideias socialistas, e de apoio às reformas de esquerda proposta pelo governo, pois o clérigo da igreja e a arquidiocese da paraíba acreditava na infiltração dos comunistas. Os padres que em seus púlpitos e palestras apoiassem as ideias comunistas na arquidiocese da Paraíba diziam que estes padres não representavam a fé católica diante da ameaça comunista.

Sobre os estudantes paraibanos

Os movimentos populares e sociais eram constantemente atacados pelos anticomunistas católicos no estado da Paraíba, organizações estudantis foram alvos destes, pois para muitos os estudantes paraibanos estavam sofrendo influência comunista, esse imaginário se dava diante do cenário montado e da crescente onda social no estado da Paraíba.

Segundo Sobreira (2013, p.34) para entender os discursos referentes à educação popular do Estado é preciso entender a importância da Campanha de Educação Popular (CEPLAR). Criada em 1961, com apoio do governo estadual e da diocese local, foi um dos laboratórios do Sistema Paulo Freire, surgiu da atuação da juventude universitária católica (JUC) a partir do questionamento sobre a sociedade brasileira e de sua ação junto aos mais carentes. Rapidamente os conservadores que eram contra o aumento do financiamento do governo federal a (CEPLAR) começaram a trabalhar junto aos órgãos para influenciar seus ouvintes com ideias que a CEPLAR estava atuando como divulgador de métodos marxistas para a sociedade influenciando estudantes a se utilizar de experiências revolucionárias, como a cubana.

A classe estudantil estava sofrendo represálias, sendo estereotipados constantemente por movimentos anticomunistas, suas vestimentas, a barba por fazer ou as palavras que utilizavam eram dignas de alguém que idolatrava os comunistas de fora, como Fidel Castro, Lenin ou Mao Tse-tung, suas imagens eram vinculada às desses revolucionários. Para os anticomunistas esses estudantes não estariam interessados na classe trabalhadora ou visando uma melhoria para estes, apenas estavam interessados no caos social. Sobreira (2013, p.32)

Sobreira (2013, p.33) aponta que o jornal “A Imprensa” defende a ideia de que existem outras formas de se trabalhar com a assistência social que não necessariamente estejam ligadas às ideologias de esquerda. Esta ideia foi defendida pelos anticomunistas da Paraíba, que afirmam que jovens interessados em ajudar os trabalhadores ou preocupados com os problemas sociais não precisam estar vinculados a movimentos de esquerda ligados aos partidos comunistas.

Os anticomunistas também atacaram a forma em que a CEPLAR estava administrando o ensino, pois como temos visto os estudantes estavam sendo estereotipados como comunistas, e o ensino por sua vez estava sendo acusado, responsabilizado por pelo aumento de jovens aderindo às ideias comunistas, Sobreira (2013, p.35) aponta as alternativas que os

anticomunistas mostravam ao povo, uma dessas era o exemplo de párocos da Cidade de Alagoa Grande do Instituto Don Aduato que estavam ensinando aos jovens sem precisar dos métodos Paulo Freire ou da educação marxista para transformar os jovens em cidadãos preocupados com os problemas sociais.

Sobreira (2013, p. 24) aponta o jornal “A Imprensa” do estado da Paraíba estava constantemente servindo para impulsionador ideias anticomunistas dentro do estado servindo para reprovar as ideias de esquerda proposta pelo governo federal e no governo estadual, sempre trabalhando no imaginário da população com ideias anticomunistas, chegando ao ponto de até mesmo Gondim se voltar contra muitas reformas que ele mesmo tinha aderido.

O ANTICOMUNISMO CATÓLICO OS CASOS DO RIO GRANDE DO SUL

A influência da imprensa católica na disseminação do anticomunismo no Rio Grande do Sul é um tema que gera discussão. Carla Simone Rodeghero (2003, p.124) destaca a importância dos meios de comunicação para a difusão desse imaginário, apontando a influência de jornais como o “Correio Rio-grandense” e o “Jornal do Dia”, pertencentes à Igreja Católica. Estes sempre foram utilizados para divulgar ações e pensamentos católicos, pois a Igreja entendia o forte poder de influência da imprensa escrita sobre a população. Nesse sentido, a leitura dos textos escritos pelos clérigos para os jornais era vista como um ato cristão e incentivada aos católicos. [...] *O incentivo dado pela Igreja à divulgação e à expansão da imprensa católica tinha como pressuposto a influência benéfica que isso poderia trazer aos lares cristãos*. (RODEGHERO, 2003, p.124) No período de 1960, eram encontrados no Rio Grande do Sul oito jornais católicos.

Segundo Rodeghero (2003, p.126) a igreja no Rio Grande Sul criou uma forma de trabalhar no imaginário dos seus fiéis, ela cita o exemplo do Padre Pedro Luiz da região colonial de Paraí, onde a igreja sobre sua supervisão indicava quais os tipos de leitura que os católicos deveriam fazer, a indicação servia para que não fossem feitas leituras comunistas ou que reprovasse as ideias cristãs católicas. Existia também uma influência sobre os objetos que os fiéis tinham em suas casas como quadros e calendários que não podiam ser de caráter imoral, e nem santinhos de políticos que se identificassem com os comunistas, dessa forma a igreja católica no Sul estava trabalhando no imaginário dos fiéis com pensamentos anticomunistas. Rodeghero aponta que os padres faziam forte apelação nas missas para os

fiéis assinassem os jornais de incentivo católico para que a suas leituras sempre estivessem alinhadas da igreja.

" É um fato que a leitura desses escritos , cedo ou tarde , gera confusão nas mentes da pessoas inexperientes e privadas de uma adequada cultura , envenena o intelecto , põe em grande perigo a fé e , para muitos , é causa de se afastarem da Igreja e da prática religiosa " (Unitas 1949 , p . 195) . Essa afirmação fazia parte do Decreto do Santo Ofício sobre o comunismo , publicado no boletim Unitas em setembro de 1949 , oportunidade em que o Vaticano decretara a excomunhão dos que contribuíssem para atividades comunistas , alertando para o perigo decorrente da leitura de jornais e de livros comunistas. RODEGHERO, 2003, p.126-127.

Tratando-se de uma imprensa católica, esses dois jornais eram responsáveis por publicações que condenavam diversos temas, entre eles o comunismo e o carnaval. O carnaval, especificamente, era sempre mostrado como uma festa que não trazia a moral cristã e os bons costumes, pois quebrava a forma tradicional da família. Assim, os jornais eram responsáveis por disseminar o pensamento da Igreja e por mostrar ao público os prejuízos que a fé e a família sofriam com essas práticas. De acordo com Rodeghero (2003, p.64), esses dois jornais foram responsáveis pela forte disseminação do anticomunismo católico por todo o estado do Rio Grande do Sul.

Rodeghero (2003, p.86) também afirma que era divulgada nestes jornais matérias escritas pela Cruzada Brasileira. A Cruzada Brasileira foi uma iniciativa criada em 1952 pelo Almirante Carlos Penna Botto, com o objetivo de combater o comunismo e promover o capitalismo em todo o país. Esta cruzada teve um grande impacto no Rio Grande do Sul, onde seus líderes eram fortemente anticomunistas. Os escritos do Almirante Carlos Penna Botto deixavam claro o seu apoio ao capitalismo e a rejeição ao comunismo. A Cruzada Brasileira procurou mostrar aos leitores os erros do comunismo, abordando o tema de forma científica. Apontou as leis marxistas que levavam à miséria progressiva, à concentração de capitais e ao declínio dos salários, mostrando que essas leis eram destinadas ao fracasso. A Cruzada Brasileira teve um grande impacto na região do Rio Grande do Sul, onde seus líderes lutaram para promover a ideologia anticomunista. Esta cruzada foi um marco na luta contra o comunismo e a favor do capitalismo, ajudando a moldar a cultura e a política do Rio Grande do Sul.

Nas publicações era falado sobre uma possível terceira guerra mundial o que trazia aos seus leitores ainda mais temor das ideias comunistas, dessa forma grupos anticomunistas

trabalham no imaginário católico. A Cruzada brasileira nos seus diversos posicionamentos falava que os jovens que não estavam vinculados com a família tradicional católica, ou que se via neles algum desvio de conduta em seu comportamento ético e moral estes eram vistos como presas fáceis para os comunistas os doutrinar, de acordo com Rodeghero esses grupos de jovens estava divididos em dois grupos primeiro “os transviados” estes seriam aqueles que já foram contaminados pelas ideias comunistas , o segundo seria “os abandonas” aqueles descuidados pela família, pela sociedade e pelo poder público.

Nos jornais católicos eram disponibilizados tempo de fala para a polícia do Rio Grande do Sul, policiais anticomunista, eles tinham a liberdade para seus discursos, Rodeghero (2003, p. 83) fala sobre o trabalho do tenente coronel Dagoberto Gonçalves chefe da polícia do Estado desde 1947 a qual escrevia diversas matérias com o tema comunismo, reprovando as ideias para o povo do Rio Grande do Sul. O tenente coronel foi homenageado pela igreja católicos por seus atos anticomunistas no Rio Grande do Sul, por Dom Vicente Scherer entregando-lhe a comenda da ordem de S. Gregório Magno, o que demonstra o empenho de honraria da igreja com aqueles que se levantam contra o comunismo.

Além da igreja trabalhar no imaginário dos fiéis através da literatura dos jornais Católicos, outra forma de disseminar o anticomunismo no sul foi utilizando os programas de rádios da igreja católica que por sua vez tinha grande audiência em todo o estado do Rio Grande do Sul, os programas de rádio foram de grande importância na disseminação de duas ideias anticomunistas, pois muitos fiéis e a população em geral era analfabeta e não tinha leitura, eles precisavam ouvir os programas de rádio para ficarem informados os acontecimentos. Rodeghero (2003, p. 131) fala sobre programas como a “a voz do pastor” utilizados para evangelização e transmissão de missas, orações dos rosários e a oração da ave maria entre os fiéis, os programas eram utilizando para divulgar as ideias anticomunistas nesses horários de transmissão. Os membros da igreja durante as missas eram incentivados a sintonizar em canais católicos para ficarem informados do pensamento da igreja com relação aos acontecimentos, e a forma de lutarem com os comunistas, no período que estamos estudando de 1960-1964 havia mais de 15 emissoras de rádios católicas no Rio Grande Sul.

O anticomunismo católico no processo eleitoral

De acordo com Rodeghero (2003, p.110), o anticomunismo foi um dos principais temas abordados no processo eleitoral do Rio Grande do Sul. Segundo sua análise, o imaginário anticomunista foi pregado por políticos e pela própria Igreja, criando uma linha

tênue entre os ouvintes. Para ela, falar é agir, pois as palavras trazem representações e ações. Assim, a propaganda eleitoral é vista como uma representação que gera uma ação, e o anticomunismo como uma visão de filtrar o mundo e influenciar os votos. Ao ouvirem os políticos e padres, os ouvintes passam a ter uma ação correspondente ao que foi ouvido, o que, no caso, seria o voto no anticomunismo como represália às ideias comunistas.

No Rio Grande do Sul, Luís Carlos Prestes foi uma das figuras que representou o Partido Comunista Brasileiro (PCB) durante a década de 1960. Suas visitas ao estado eram sempre vistas com maus olhos, pois Prestes defendia a legalização do PCB e sua imagem era associada ao comunismo. Por isso, ele sempre sofreu represálias quando visitava o Rio Grande do Sul. Nas campanhas eleitorais, os jornais costumavam noticiar mais os movimentos anti-Prestes do que suas palavras nos comícios. Em 1958, durante a campanha para governador, Prestes leu uma lista de políticos que seriam apoiados pelos comunistas, entre eles Leonel Brizola. Sua visita ao estado dias antes já gerou revolta entre os anticomunistas, chegando a ser divulgada uma nota de repúdio pela Câmara dos Vereadores de Caxias do Sul. As afirmações de Prestes faziam com que os anticomunistas firmassem ainda mais sua revolta contra ele e suas ideias. Segundo Rodeghero (2003, p.112-113), durante um comício na cidade de Livramento, Prestes atacou a Igreja, os sacerdotes e os democratas cristãos, exaltando o regime da "servidão vermelha".

Atos contrários às visitas de Prestes ao Rio Grande do Sul eram constantes, visto que se tratava de um líder comunista. A Igreja logo se posicionou contra suas visitas. Em 1961, foram realizadas diversas visitas de Prestes a cidades do interior do Estado. Ao chegar à cidade de Santa Maria, o clérigo elaborou um abaixo-assinado reprovando sua visita. Já na capital, Porto Alegre, Dom Vicente Scherer criticou veementemente a vinda de Prestes.

O imaginário anticomunista no Rio Grande do Sul ficava exposto durante o processo eleitoral. Segundo Rodeghero (2003, p.116), os textos exibidos pela igreja eram usados pelos políticos para condenar as práticas de seus opositores. O projeto de desenvolvimento do estado liderado por Leonel Brizola foi visto como comunista e denunciado nos principais meios de divulgação, como o Jornal do Dia e o Correio Riograndense.

A Igreja Católica possui um discurso anticomunista bem elaborado, o que lhe permite atingir diversos públicos da sociedade. Por esse motivo, para atuar na política do Rio Grande do Sul, os homens públicos deveriam deixar claro sua posição religiosa como

católicos e anticomunistas, pois no contexto de 1960 isso era considerado uma virtude. Apoiar-se nos escritos da Igreja, do Papa e dos Bispos era uma forma de atrair a atenção dos apoiadores da fé católica para suas campanhas. Os políticos gaúchos entendiam o poder da Igreja e sua imprensa, conforme afirma Rodeghero (2003, p.117).

Relatos de pessoas que viveram durante a disseminação do anticomunismo no pré-golpe no Rio Grande do Sul

Rodeghero (2003,p140) realizou uma entrevista com pessoas que tiveram lembranças dos acontecimentos escritos nos jornais para sua pesquisa. Ela concluiu que muitos dos entrevistados não se lembravam das matérias que falavam contra o comunismo, devido ao tempo que havia se passado desde os acontecimentos até a entrevista. Entre os entrevistados, Rodeghero afirma que o que mais marcava as suas mentes era a presença das missas, pois os padres sempre falavam sobre os perigos dos comunistas. Muitos dos que responderam à entrevista disseram que a Igreja estava sendo ameaçada por uma nova religião que queria destruir a fé católica - o comunismo - e eram incentivados a nunca abrirem a porta de suas casas para esses comunistas. Além disso, os padres costumavam falar que os comunistas traziam a guerra que levaria seus filhos para conflitos, onde morreriam, e que o governo iria assumir todas as casas e sítios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Com base nos textos que foram discutidos até aqui, são perceptíveis as problemáticas que compõem a sociedade política anticomunista no Brasil. Mesmo com o fim do regime golpista criado em 1964 através do golpe militar, golpe que foi diretamente influenciado pelas ações anticomunistas católicas, os cidadãos brasileiros que apoiam a esquerda continuam sendo identificados pelo imaginário anticomunista e a igreja continua sendo a principal divulgadora desse imaginário no século XX.

Sendo a esquerda constantemente perseguida e associada aos comunistas, mesmo sendo pessoas que buscam uma sociedade mais igualitária a todos os cidadãos do Brasil, a esquerda que acredita que o estado é obrigado a ajudar os menos favorecidos a chegarem mais rápido a prosperidade, continuam sendo chamados de comunistas pela força da divulgação anticomunista criada por décadas.

Esse sistema que define os comunistas, baseado apenas no imaginário, criado por uma teoria de infiltração soviética, cubana ou venezuelana, continua sendo utilizado para manipular a opinião pública e ser base para tentativas de golpes de direita no Brasil, este imaginário continua a todo vapor sendo disseminado pelo catolicismo e grupos de extrema direita.

Analisando o contexto histórico baseado nas biografias escritas por Rodrigo Patto Sá Motta, Dimitri da Silva Bichara Sobreira e de Carla Simone Rodeghero a esquerda brasileira foi sempre associada aos comunistas, baseado em ideias, muitas vezes, fantasiosas, criada por um medo comunista, ideia que nunca prosperou no Brasil. A igreja católica utilizou os seus meios de comunicação para criar este imaginário, utilizando principalmente a imprensa escrita, os programas de rádio e as missas para propagar esta ideia, foi assim na Paraíba e no Rio Grande Sul.

Sendo obras historiográficas foi possível analisar os meios utilizados pelo catolicismo para propagar o anticomunismo, o texto trata-se de uma ferramenta de denúncia, tendo em vista a forte onda anticomunista nos dias atuais, o texto retrata a forma de ativismo político utilizado pela igreja que afeta muitos cidadãos brasileiros que se identificam com a esquerda. E, apesar de tratarmos aqui especificamente do contexto de divulgação nos estados da Paraíba

e Rio Grande do Sul no período que antecedeu 1964, sabemos que é uma realidade no Brasil até hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus na pessoa de Jesus Cristo, pois até aqui Ele me sustentou e me deu forças para continuar mesmo nos momentos mais difíceis dessa caminhada. A ele seja toda a honra e glória!

Agradeço a todos os professores da UEPB que tive o privilégio de conhecer e que muito me acrescentaram durante as aulas. Obrigada pela contribuição acadêmica e também pessoal que vocês tiveram na minha jornada.

Aos meus colegas de turma, que compartilharam ideias e conhecimentos que muito me foram úteis, minha sincera gratidão. Em especial, agradeço à Lucas Carlos a amiga Rose e todos que estiveram comigo nessa caminhada, sem dúvida a amizade vocês fez com que os dias da graduação pudessem ser mais leves e divertidos. Obrigada por me ouvirem e estarem ao meu lado. Vocês foram presentes que a graduação me proporcionou e que desejo levar comigo o resto da vida. Agradeço aos meus amigos da vida que sempre estiveram comigo, em especial aos meus amigos Anderson Evaristo, Artur Carvalho e Eurício Gomes, vocês são os melhores.

Agradeço imensamente a Professora Susel Oliveira da Rosa que nesses longos anos de estudo sempre esteve disponível para nos auxiliar em todas as coisas que estava ao seu alcance, por sempre esta disponível, e por me auxiliar nesse última etapa de curso que foi tão difícil, obrigado de todo o coração por seu carinho e respeito pelos alunos. Você é uma pessoa extraordinária! Agradeço ao professor Dmitri Bichara Sobreira que me fez despertar para esse tema tão importante da história.

A minha mãe Lucinete, a minha avó Maria Souza e minhas irmãs Camilly e Emanuela Ribeiro, vocês são a minha fonte de inspiração a mais genuínas que pude ter, agradeço do fundo do meu coração por ter crescido em volta de seres humanos tão incríveis.

Agradeço imensamente a minha esposa Iohana Paulino por ser essa parceira tão incrível, tenho grande alegria por você existir da minha vida, Deus realmente foi muito bom comigo, agradeço por sua paciência, por sua ajuda nos trabalhos acadêmicos e por sua cumplicidade durante todo esse tempo de graduação. Obrigada pela sua compreensão em cada

tenso e estressante fim de período. Você foi fundamental para que eu chegasse até aqui, Te amo!

REFERÊNCIAS:

BOBBIO, Norberto. Dicionário de política I Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino, EDITORA Universidade de Brasília, 11ª edição, Brasília/DF, 1998, p. 208

BOBBIO, Norberto. Dicionário de política I Norberto Bobbio, Nicola Matteucci e Gianfranco Pasquino, EDITORA Universidade de Brasília, 11ª edição, Brasília/DF, 1998, p. 204.

Mitidiero Junior, Marcos Antônio. . IGREJA, CAMPESINATO E LUTA PELA TERRA NO BRASIL. Revista Geográfica De América Central.

Quitino Barbosa, Marleide. A influência da igreja na organização social dos camponeses de Alagamar/PB – João Pessoa: UFPB, 2017.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto, **PASSADOS PRESENTES**, *O golpe de 1964 e a ditadura militar*, EDITORA SCHWARCZ , Rio de Janeiro, 2021, p. 23

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto, **PASSADOS PRESENTES**, *O golpe de 1964 e a ditadura militar*, EDITORA SCHWARCZ , Rio de Janeiro, 2021, p.24

SOBREIRA, Dmitri da Silva Bichara, **o anticomunismo no a imprensa: igreja católica e golpe civilmilitar na paraíba (1962-1964)** (título de Licenciatura em História) Universidade Federal Da Paraíba, João Pessoa, 2013, p.15

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto, **em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**, tese (Doutor em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2000, p. 39

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto, **em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**, tese (Doutor em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2000, p. 20

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto, **em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**, tese (Doutor em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2000, p. 43

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto, *em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*, tese (Doutor em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2000, p. 44

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto, *em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*, tese (Doutor em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2000, p. 45 apud O Diário, 7/09/36, p.3)

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto, *em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*, tese (Doutor em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2000, p. 45

SOBREIRA, Dmitri da Silva Bichara, *o anticomunismo no a imprensa: igreja católica e golpe civilmilitar na paraíba (1962-1964)* (título de Licenciatura em História) Universidade Federal Da Paraíba, João Pessoa, 2013, apud a imprensa p.19.

SOBREIRA, Dmitri da Silva Bichara, *o anticomunismo no a imprensa: igreja católica e golpe civilmilitar na paraíba (1962-1964)* (título de Licenciatura em História) Universidade Federal Da Paraíba, João Pessoa, 2013, p.23

SOBREIRA, Dmitri da Silva Bichara, *o anticomunismo no a imprensa: igreja católica e golpe civilmilitar na paraíba (1962-1964)* (título de Licenciatura em História) Universidade Federal Da Paraíba, João Pessoa, 2013, apud TELLES, A Imprensa, 14 de novembro de 1962, p. 6)

RODEGHERO, Carla Simone, *O diabo é vermelho, imaginário anticomunista e igreja católica no Rio Grande do Sul (1945 -1964)* editora Universidade de Passos Fundos, Rio Grande do Sul, 2003, p. 124

RODEGHERO, Carla Simone, *O diabo é vermelho, imaginário anticomunista e igreja católica no Rio Grande do Sul (1945 -1964)* editora Universidade de Passos Fundos, Rio Grande do Sul, 2003, p. 127.